

João Nuno

CASA MUNICIPAL DE BARCELLOS

O SARDÃO

EDITOR, DIRECTOR E PROPRIETARIO
Antonio J. Cachada

Redacção e administração
R. D. Antonio Barroso, 63, 1.º andar

Composição e impressão

«EMPRESA TIPOGRAFICA»—Barcelos

PUBLICA-SE NOS DIAS EM QUE SAÍR

FOLHA ILUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

BIBLIOTECA

6.º ANO

Barcelos, Agosto de 1915

N.º 48

Igualdade

Como no numero passado de «O Sardão» abrissemos a primeira pagina com um artigo sobre a Liberdade Democratica, justo é que agora, já que estamos com a mão na massa, continuemos com a fita, e falemos da Igualdade, tambem Democratica.

A Igualdade Democratica, em Barcelos, e provavelmente em todo o sóbado do sr. Afonso Costa, tem-se manifestado ultimamente por cantatas noturnas e cumprimentos de pistola acompanhados a frases amáveis compostas de todo o genero de obscenidades.

Como tudo isto é feito pelos revolucionarios civís acompanhados na bersunda por dedicadas sufragistas, o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Os barcelenses de noite, entre os lençoes, deliciam-se com os gritos de *aqui-del-rei* (apesar de estarmos na republica) e com o estampido das ameixas atiradas á tóa, por vagabundos, em defeza da patria. Vozes esganiçadas de rameiras pedem socorro emquanto lhes caem no corpo as bengaladas democratico-revolucionarias.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Os clubs de sport alcoolico-democraticos, funcionam toda a noite, para animar a grei, fomentando a igualdade.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

As torneiras dos fontenarios e os tubos de chumbo, são chamados ao

esquerdo para o fabrico de bombas; tudo a bem da patria e para salvacão da republica, confiada aos revolucionarios civís.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

A educação civica, mesmo de dia, é a pótes. Ouvem-se galanteios e veem-se gestos que nos fazem correr a baba pelos cantos da bôca e nos levantam involuntariamente a biqueira da bota.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

A's 8 da noite, como está calor, nas ruas mais centrais da vila, abundam as mariposas cantando hinos patrioticos de abaixo a ditadura e convidando á igualdade com aquele recato que lhes é peculiar, os revolucionarios civís.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Nas noites de teatro, as galerias manifestam-se da fôrma mais expansiva e decorosa com ápartes e exclamações que só nas vielas são adoptados.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Emfim, amigo leitor, outro remedio não te queda, se tens familia, senão o de te meteres em casa ao toque de trindades, trancar as portas e dormir com a cabeça coberta por causa das vozes exteriores. Não te é permitido gosar de um pouco de fresca da noite nem dares o teu passeio ao luar, porque o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Um mar de rosas, um verdadeiro mar de rosas de Liberdade, Igual-

dade, Fraternidade e Pouca Vergonha!

Mas como tudo isto é civico, democratico, patriotico, revolucionario, anti-catolico e bis-alcoolico, o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

Se não fosse por isto, já tinha desaparecido a nacionalidade e não estavam seguras as garantias!

E' a verdadeira igualdade com transito livre por todos os bécos e esquinas. Não ha respeito, não ha disciplina, não ha educação, não ha distincção de classes, ficando por tanto a sociedade nivelada, ou, melhor dito, na suprema Igualdade.

E o se Zésinho faz que dorme e deixa correr para que ás vezes não venha a ser corrido.

CARTA DE BARCELINHOS

Barcelinhos, 25—Devido ás orvalhadas do S. Thiago e á baixa pressão atmosferica do de Torres, sahiu hoje o S. Sebastião com o seu estado maior e contra a vontade do matricida Calixto.

O cortejo decorreu com a maior ordem e não houve o mais leve incidente a não ser uma por fóra no bombo quando a banda executava a marcha *Pas de Palais*.

Foi inaugurado hoje ao nascer do sol o novo sino do carrilhão. Como desse as notas graves bastante desafinadas foi preciso puchar-lhe as caravelhas e untar-lhe a sôga com azeite da lampada, serviço feito pelo Calixto, auxiliado pelos manos Grilos.

Quando se deu o primeiro toque verificou-se que, devido á ferrugem, o badalo não girava com facilidade, sendo preciso dar-lhe injeções de Balsamo Celeste do Fernando Morgado, serviço ainda levado a efeito pelo acrata Calixto.

No final foi servido um copo de agua tapado a buxas de regueifa acompanhada

do por um batuque de Vira-me a Labita, desempenhado pelo pessoal da padaria.

Novidades políticas, a não ser a morte da vaca em S. Martinho, não as tem havido dignas de nota.

Consta que os Armazens Grandela, desta localidade, vão ser transformados numa cervejaria, estando já a canalisar-se do tanque fronteiro, a respectiva agua.

O Serantas tem já feito o projecto do novo balneario que vai instalar-se na *Carniçaria*. A agua será tirada no peneiro do enxofre por meio de bomba de pau e passada pela pia da agua benta da capela da Senhora da Ponte. O edificio será luxuoso, com mobilia de tijolo, e banheiras de cortiça fabricada nas oficinas de telha da Agrela, do sôr Silva.

O revolucionario Calixto telegrafou um postal illustrado ao se Zezinho pedindo o registo de uma nova marca de sêmea, genero bolo-rei, que será distribuida ás sextas-feiras a quem apresentar certidão de estupidez. Consta que os melhores freguezes vão ser os manos grilos. E já agora até á primeira.

.....◆.....
S. SEBASTIÃO

Os leitores sabem quem era S. Sebastião? Nunca leram a sua «vida e milagres»?

Pois, talvez não acreditem, foi um martyr, que levou em vida com muita soma de sêtas, amarrado a um carvalho.

Dá-se, porém, o caso que agora appareceu um novo S. Sebastião muito *esperançoso, que passa por inteligente mas muito preocupado com a importancia da sua pessoa, moral e phisica.*

Ao mesmo tempo apparece-nos tambem, um judeu católico,—o sôr Albino da «Folha»—a atirar sêtas ao dito santo. E então ferra-lhe com cada uma...

Por exemplo:

«*Conhecemo-lo ainda ha 4 anos, muito catolico e muito monarchico. Virou por completo e nós nada temos com isso; cada um canta o vira como lhe apetece.*

Esta é forte e desconfiamos que o *donairoso S. Ex.^a* aparou esta flexa em pleno peito, se por qualquer acaso se não *virou.*

Mas, parece-nos bem que o *Benjamin da familia* estava fortemente amarrado ao carvalho, tal qual como o outro S. Sebastião.

Ha apenas uma diferença entre este e o outro santo: Um andou por

este mundo a lutar pela fé; e este anda para se pôr em destaque, *para se mostrar forte e para se evidenciar.*

O outro sahiu com o peito que parecia uma *escumadeira de cosinha*, tantos os furos, *este sahiu ilêso, sem uma chufa, sem um péu, porque ninguém lhe deu a importancia que deseria...*

Se todos fizessem assim não haveria tanto parvo a escoucinar por esse mundo de Christo.

E força sôr Albino. Sêtas valentes que façam pás, pás, no peito do *santo* que nós cá estaremos para *fazermos o êcho...* para ele.

.....◆.....
MUZEU

O gradil em arcaria do chalet Frincha. As polainas e a *pileca* do Barbadão.

A malinha merendeira do Passos professor.

O cajado marmeleiro do nosso amigo Chefe.

Os trinta cãesinhos—30—da pepineira comediante.

Os *sóquinhos* que os mesmos 30 usavam só em scenario.

O rio, parede caiada, que o Antoninho Lima viu em Cambezes.

Ar barbas á pai Adão do Pedrinho Sapateiro.

O guarda-pó á Senhora do Terço do Quim K—gaio.

A exposição cauteleira do Caganito. O melodioso assobio do Lambaças.

O bigodinho tosquiado do se Zezinho. As cuecas *adamadas* com que o Miguel costuma tomar banho.

A farda de cotim, á grévista, do *Pilulas no capacete, filho.*

A *labita* á expedicionario do caixeiro do se Brito.

.....◆.....
Confraternisação

Em acção de graças pela subida ao poleiro do *grande parlamentar* mudo dr. Pulga, foi servido no pombal do Zé de Bezerra, á Granja, um opiparo banquete com todos os matadores e condimentos necessarios á satisfação formigacea.

As notas que pudémos obter, embora deficientes, mostram quanto esta festa decorreu animada a ponto de terem acordado os *meninos a dormir* e o alcaide de Faria se ter esquecido da defeza do castelo.

O *menú*, servido pela acreditada pastelaria das Obras, foi abundante e variado, constando do seguinte:

Sopa de cogumelos com tremoços.

Arroz de *fromage* com queijo. *Consomé* de ortigas com mólho de vilão Estabareda.

Fricassé de bicos do papagaio com alinhavos, á Pindahiba.

Rôti entalado de chifre de veado com fanecas.

Caracoles de recheio com farinha de pau, á Agua d'Unto.

Presunto de baleia com salada de lingua de ovelha, á Relho.

Sobremesas

Dôce:—Pú-pú de pêcego, em compota. —Crème de feijão fradinho com farelo.

—Puding de tomates com miôlo de bôrôa.—Farturas de Lisboa.

Fructas

Uvas de cão, das propriedades dos matadouros.—Bolota torrada do souto dos burros.—Boteifa enfarinhada, ao natural.—Palha trilhada.

Vinhos

Verde, das Fontainhas.—Branco, da Fonte de Baixo.—Maduro, da Bagoeira.

Licores—Oleo de recino—Magnesia—Sulfato de soda.

Au *dessert* iniciou os brindes o caipó-
ra Pindahiba que óbrou ássim:

Ó ai mi deixa
Subi está ládeira
Eu sou do grupo
Mas não toco ná cháleira.

Ó do *bómbai*
Ó do *bómbaiá*
Minina do arsênal
Você diz qui dá, qui dá...

No cimo dáquela torre
Ha dois sinos sin bádálos
Deus mi dê páciencia
Pá'turá estes *cábálos*.

Uma prolongadissima salva de cascos coroou a brilhante oração do eloquente producto *luso-americano*.

O Estabareda dando quatro pinotes e arrancando uma ferradura, zurrrou ao zoologico auditorio estas simples, mas expressivas notas asininas:

i-ó, i-ó, i-ó, ó, ó, ó... etc.

Como todos os outros estivessem agarrados ao penso e o Zé de Bezerra quizesse ir amamentar *os meninos*, mandou o João das Burras pô-los fóra do portão, a pinglim.

Nos intervalos, o orfeon Assis executou o *vira-me a labita*, a *cáráboo*, o *queremos Deus* e o *toma lá cerejas*.

Foi expedido um telegrama ao senador de gesso que respondeu em bilhete postal prometendo falar logo que as cerejas do sôr Albino estejam maduras.



Senado Mancipal

Estava a tocar para o côro do Senhor da Cruz, quando o Serantas, envergando a luxuosa e archaica farda, talhada pela do alcaide de Faria, abria de par em par o portão nobre do senado.

Poucos minutos passados, e depois de ter matado o bicho, e comido a ração, chegava no seu *bond* o sr. Arthur, de Lijó, acompanhado pelo laçao d'ordens J. Candido, mestre de dança pirrica e autentico revolucionario civil.

Os illustres edis a pouco e pouco e a um por um em filas de quatro, foram tomando assento nos logares do costume.

Após esse acto de disciplina e boa ordem, o sr. presidente tocou a cabra, chamando os senadores á folia do costume.

Tomou primeiro a palavra o sôr Almeida, protestando com toda a força dos *substanciaes pólos* contra um alfaiate cá do *burgo* que lhe levou 150 reis pelo concerto d'umas calças.

Os colegas, ainda mal o orador tinha acabado o seu arrasado, ergueram-se indignados, clamando vingança contra esse abuso, resolvendo para que fique salva a honra do convento, que d'hoje para o futuro seja prohibido passar a ferro as calças, na rua, ficando assente que ninguem possa mandar em sua casa.

Em seguida, deitando fala, o sr. Ramalheite insurge-se contra o *tiranço do miolo das tripas*, ao lusco-fusco, quando é certo que a hygiene manda que esse serviço seja feito altas horas da noite.

O sr. Neves, versando o mesmo assumpto, discorda da opinião do illustrado colega, apresentando para evitar maus cheiros o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º—Que 'o ingrediente referido, não seja tirado dos seus alojamentos durante o dia, para não ocasionar *epidemias hidróphobas*.

Art. 2.º—Que tambem não seja tirado, durante a noite, para que não sofram abalos sismicos as *pituitárias* dos frequentadores nocturnos das ruas da vila.

Este projecto de lei foi votado sem discussão no meio das maiores aclamações ao seu bojudo auctor.

Acalmados que foram os animos por uma *cópada*, ergueu-se sobre as quatro pátas o senador sôr Arthur, que apresentou depois de a defender calorosamente e pedir dispensa do regimento uma proposta n'estes termos:

—Que seja considerado revolucionario civil, pelos serviços prestados á santa causa, o sôr Vale, livreiro, para que assim possa concorrer ao emprego publico de auctor das almas,
Aprovadissimo.

Passou-se depois d'isto á ordem do

dia, sendo dado para discussão um officio dos engraxadores Pirolé e Zarolho, pedindo um subsidio dos cofres da policia de Braga, para poderem frequentar a escola movel d'arte de engraxar que é dirigida pelo Relho.

Por trazer augmento de despeza, ficou resolvido remeter este pedido ao grande financeiro se Zezinho, presidente supremo do Conselho das Poucas Vergonhas.

E com isto não os enfadamos mais, porque a nossa ao fazer d'esta é boa graças a Deus.

SILHUETA

Quem será este *pãosinho*
Tão doçuras e adamado
Todo fósforo, mui fininho
Sempre bem posto, enluvado?
Tem bigode á americana
Tem nariz e tem lunetas
Uma pasta, uma chicana,
Uma «badine» e duas tretas.

Quem não descobrir o *melreiro*
Pergunte á *filha do hoteleiro*.

BOLETIM PAROCHIAL

Recebemos por um carteiro de saias, com cheiro a incenso e agua benta, esta acreditada e macia *revista semanal*, orgão da firma *Gaiolas em Comandita*.

O sumario é o seguinte:

Civilidade e etiqueta na sacristia e no confessionalio.

Arte de soltar a pombinha branca ao esticar do pernil.

Amanhã anda a rôda.

Quem quer gaitas compra-as.

O melhor café é o da Brazileira.

Do que vós precisais é de um boletim parochial de marmeleiro.

Deus super omnia e fartura de biqueira.

Temos pena que o sr. Afonso Costa não seja assinante e que o administrador não seja o se Zézinho para vos fazer o pagamento adeantado em *casquados* e acabar com as sessões permanentes na *redacção da matriz*.

Até parece que estamos em ditadura!... Chiça!

Novas nomeações

Acabam de ser nomeados ajudantes da capela do prior do registo, dois elementos em preponderancia na élite barcelense e *leaders* do partido do se Zezinho.

Já começaram a exercer as suas

funções, achando-se instalados os novos postos nos estabelecimentos dos seus patrões.

Em signal de regosijo houve *champagne* em casa do se Zezinho e bôlos do Galego.

Trocaram-se brindes muito amistosos, sobresahindo o proferido pelo Estabareda, que mais uma vez demonstrou as suas grandes aptidões, para puchar a uma carroça.

Apresentamos os nossos sentimentos á bolsa do antigo ajudante.

... No vinte

O nosso grande Albino quando quer ter pio e chegar as esporas ás ilhargas de qualquer *parvo* que lhe caia em cheio entre as pernas, não precisa de ir, positivamente, pedir a ajuda a alguém.

E para prova do que afirmamos vamos transcrever um bocadinho de prosa, o melhor que recheiava o ultimo numero da «Folha» e que deve fazer o efeito de verdadeiras pontas de fogo applicadas no costado do alvejado.

Esta pastilha com que *gramou* o se Zezinho, seu antigo correligionario e a quem conhece de gingeira, é uma biografia de via reduzida, toda verdades, toda justiça, como os leitores podem ver.

Ella ahi vae:

«Quando o sr. administrador era monarchico, e foi-o até ao fim da tarde, pelo menos, de 7 de outubro de 1910, ninguem o julgaria capaz de taes proezas.

As eleições camararias de 1913, que duraram até março de 1914, deram a cadeia a uns desgraçados que a demagogia assolou para actos repugnantes. O hoje sr. administrador foi então um heroe dos mais apontados pelos proprios seus correligionarios, mas de cujas honras se soube escapar, graças ao *padrinho* do outro lado do rio.

O diabo arma-as e... tambem paga bem a quem o serve, pelo visto, mas, d'esta vez, sempre... arranjou um tal... «*repucho*» ao sr. administrador, que até os que na cadeia pagam os desvarios das eleições camararias hão-de de dizer com os seus botões:...

—«Quem tal *havera* de ver?!...»

Pois não verão mais que um outro enrascado nas suas tramoias que engendra e de que sempre se sabe raspar... dando homem, quer dizer:—victima por si—é o que hão-de ver...

Os nossos parabens sôr Albino. Você quando quer e o seu cerebro fecundo o ajuda, nem o diabo póde consigo. E não os poupe, porque eles tambem o não pouparam na eleição do Banco.

«Dura lex, sed lex.»

COMO ASSIM!...

Sempre será certo o que relatam os *periódicos* de Lisboa, sobre a eleição presidencial?

Nada. Não acreditamos em semelhante coisa...

O *Arte Sacra* não era capaz de tal canalhice.

Póde lá ser!... Pois não foi ele elevado ao alto cargo de ministro pelo sr. *Rachado* e seu companheiro de gabinete?

Impossível, é por isso, ter agora formado á esquerda.

Por certo que foi engano do *periódico*.

Então ahi não ha character, nem g atidão ao menos!

Isso é só para os pulhas e malandros e ele não possui d'essas qualidades.

E nós temos até razões especiaes para afirmar que o *Arte Sacra* não enfileirou á esquerda, porque sabendo que não é nenhum gastronomo, nem ao menos seria obrigado a determinar-se a optar pela esquerda, pelas necessidades de barrega. Nada; não pode ser.

Isso foi uma questão de estética e simetria, para um futuro estudo archeologico.

Sempre ha cada parvo!

Aos flaustreiros

No intuito de tornar conhecidas todas as maravilhas e verdadeiras obras d'arte da nossa terra, resolvemos organizar uma lista das mais importantes e que mais interesse devem despertar ao olho artistico de todos os amadores do belo.

São elas:

—Os meninos a dormir (estão lá porque são de gêsso).

—O indispensavel odorifero da Bagoeira.

—A falecida praça de touros.

—O Senhor dos Afflictos.

—O mano do Bomfim.

—A luz electrica David.

—A grandiosa avenida Zé de Bezerra.

—A capoeira-muzeu do dito.

—Os higienicos kiosques.

—As anemicas cerejeiras do sôr Albino.

—O albergue nocturno, que é tudo menos isso.

—O carrilhão do relógio da torre dos Terceiros.

—O *penacho* do se Zezinho.

—O dito se Zezinho, como ave de rara especie (pêga fina).

—A careca espelhante do Estanislau.

—Os doidos do Manicomio.

—O rendoso S. João do se Lemmos.

—As comichões do Estabareda.

—Os grandelas de Barcelinhos.

—A pasta do Dr. Assis (tem elevador).

—As *fardas* dos cocheiros.

Como vêm, este rincão merece bem ser visitado e admirado a olho nú, taes e tantas são as belezas (sem ser de hortaliça), que a natureza lhe prodigalisou.

Para cicerónes e explicadores dos diversos factos historicos que se relacionam com estes monumentos e raridades, podem procurar o K-gaio, o K-ganito, o K-ganeta e o K-galhu-fas, em todos os dias uteis e inuteis, na agencia de informações que se acha instalada no K-garrão.

De rapa e cesto

N'uma d'estas deliciosas tardes, quando ia-mos em serviço especial do "Sardão", deparamos com um caso muito interessante, e que por nos merecer certos reparos resolvemos arquivar nas columnas cá do bohemio reptil.

Fômos, nada mais e nada menos que, encontrar o pandego do Senra do correio, de rapa e cesto na *unha*, fazendo limpeza ás ruas de Barcelinhos e conduzindo o lixo para sua casa.

Ora, francamente, um empregado publico descer tanto sem precisar, é forte, não acham?

Alem de que ele, segundo se diz, não é necessitado, pois tem forrados alguns *cabedães*.

Nós bem reconhecemos que a vida não vae para folias e desperdícios; mas amigo Francisco, o Estado paga-te, embora que pouco, deve ser o suficiente para medianamente governares a tua vida.

Por isso guarda lá a rapa e o cesto, porque a nosso vêr não deves precisar *d'isso* para viver.

Cruzes S. Christovão!

Como consentis vós que um grande apostolo da verdade, vosso senhorio perpetuo, ande de porta em porta, como qualquer Pedro do Janeiro, a vender a mentira em caute-las da taluda?

Por certo que lhe mudastes as atribuições!

Pois pena é que a lei da separação não tivesse previsto este caso, de qualquer reverendo Lampianista, ao fazer-se cauteleiro, ser severamente punido.

Só para coisas d'estas é que não olhou o grande Afonso.

Mas, amigo Lampianista, deixa-te d'esse modo de vida que te não fica bem.

Vae antes metendo a tua pombinha, paga á mulher e...

Vira-nos a labita.

EMIGRAÇÃO

Como o bago esteja para pintar e houvesse carestia de ameixas no Douro, foi remetido em grande velocidade para aquela região o bando de *verdilhões* que aqui havia feito ninho e conquistado as *carrigas* que agora ficaram no chôco.

Estes passarões não fazem cá falta nenhuma, porque a desordem continuava com a sua presença, quando a não fomentavam.

Oxalá que a grainha não lhes faça mal e que as roçadoiras não lhes aparem os voadoiros.

Espectaculo grandioso

O acaso, o grande acaso fez com que assistissimos n'um dos ultimos dias a um spectaculo edificante, que fez brotar no nosso espirito a desconfiança de que estavamos em Marrocos e não em Barcelos.

Os officiaes de diligencias entretinham-se, rodeados de garotada, a lançar bólas envenenadas aos cães, proximo ao mercado.

Não somos contrarios a que se tomem essas medidas quando sejam necessarias, mas não podemos deixar de reprovar a fórma selvagem e espalhafatosa como se faz esse serviço.

Pena é que os cães não possam um dia vir a ser officiaes de diligencias, para se pagarem na mesma moeda.

E' bem certo: o homem é a maior das fêras.